

## POR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL: ENTRE PARADIGMAS E EPISTEMOLOGIAS

Silena da Fonseca Pimentel Paizan

**RESUMO:** Esse artigo intitulado “Por uma educação escolar decolonial, entre paradigmas e epistemologias”, apresenta o conceito paradigma e o conceito epistemologia e sinaliza o embasamento teórico e mesmo a aplicabilidade de ambos junto à sociedade contemporânea. Apresenta ainda, a realidade da colonialidade e suas arestas de manipulação que poderão ser desconstruídas com a proposta da tradução intercultural, que possui como premissas a política, a cultura e a ética focalizando assim a construção da educação decolonial. O objetivo deste estudo é a promoção da educação escolar decolonial fruto da reconstrução paradigmática e epistêmica interculturalizadas. A pesquisa bibliográfica focalizou-se nas obras de Thomas Kuhn, Denis Domenegueti Badia, Boaventura Souza Santos e Catherine Walsh. Com o embasamento dos textos foi possível sinalizar a importância da ressignificação paradigmática e epistemológica para decolonialidade. Por conseguinte, a conclusão obtida, foi que existe a necessidade da mudança paradigmática e epistêmica fruto da emancipação social, para a concretização da educação decolonial.

**Palavras-chave:** Educação escolar; interculturalidade; emancipação social.

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Ao refletir sobre os conteúdos apresentados durante as aulas da disciplina e buscar certa proximidade com minha realidade acadêmica e profissional percebo que o conceito de decolonialidade ilustra a sociedade pós-moderna em vários vieses e pode contar com o do conceito de paradigma como uma de suas fecundas raízes. A princípio conceitos antagônicos que se distanciam perante cada realidade social, contudo pensando no processo emancipatório que focaliza ou deveria focalizar a educação, percebo que o incômodo causado pela caracterização dos conceitos os aproxima.

Os paradigmas são entendidos como modelos, exemplos a serem seguidos. Porém qual a origem desses exemplos? Eles emergem da realidade social ou são conceitos ideológicos, deveras utópicos e idealizados como fruto de uma realidade colonial e eurocêntrica?

Com esse direcionamento, caminhamos para o conceito de decolonialidade, sua origem latino-americana e sua realidade pós-moderna, presenciada nos quatro cantos do mundo, dentro da desumanização do homem em um mundo com muitos adjetivos e poucos substantivos.

Continuemos, pois nossa realidade canaliza para a educação escolar, seja ela seu princípio, seu meio ou seu fim ela está presente em todas as realidades sociais e certamente o contexto social será condutor desse progresso contínuo e deveras fragmentado e ilustrado por fatores anteriormente citados, como os paradigmas e a ideologização colonial.

Por conseguinte, o presente artigo busca reafirmar a importância da educação escolar decolonial desnuda de paradigmas e epistemologias coloniais, que divergem progressivamente da realidade latino-americana, a qual estamos inseridos. E a valorização da interculturalidade que se inicia com o reconhecimento, com a valorização e com o respeito.

### **1. O conceito de paradigmas e sua realidade latente.**

Falar sobre o conceito de paradigmas talvez seja o maior desafio do presente artigo, esse que nos acompanha desde nossa origem enquanto homínido, e que ainda hoje, após milhares de anos de evolução da espécie, ainda representa um desafio, uma

meta a ser atingida, um modelo a ser seguido, um exemplo pré-fixado que apresenta realidade imposta, aquém dos interesses dos sujeitos.

Temos como embasamento do paradigma a idealização, o paradigma da perfeição que funciona de maneira ideológica muitas vezes escondendo a realidade factual. É sabido que o conceito de paradigma surge a princípio como fruto da relação homem versus mundo, porém a partir de estudo realizados por Thomas Kuhn (1991), relacionando agora não apenas o homem ao mundo, mas o homem ao mundo e a ciência caracterizando assim estudos da Filosofia da Ciência. Para Kuhn, os “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornece problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (Kuhn, 1991, p.13). A partir de Kuhn, o conceito de paradigmas passa então a ser visto com um viés científico e nesse ínterim, recebe influências diretas não apenas do cientista, mas do contexto. Sendo assim, o conceito de paradigma, acompanha diretamente a cultura que o produz, seria a descaracterização ou descontinuidade do conceito?

Percebemos que para Kuhn, os paradigmas podem e devem ser desconstruídos ao ritmo do advento científico, sendo assim, os paradigmas não representam verdades absolutas de maneira estanque, mas sim verdades que atendem determinadas necessidades científicas momentâneas e que poderão funcionar de embasamentos para o surgimento de novos paradigmas que atendem aquela realidade, aquele tempo e aquele espaço de determinada realidade científica.

Seria pertinente nesse momento, fazer um apontamento: A realidade científica em questão atende aos interesses da classe dominante e certamente esses interesses destoam dos interesses da classe dominada ou mesmo da classe em processo de dominação.

Percebemos nesse ponto, talvez o ápice do presente estudo. Os paradigmas utilizados na sociedade brasileira e mesmo na sociedade latino-americana, atendem os processos culturais de maneira significativa? Certamente atingir toda a sociedade seja uma utopia, as verdades paradigmáticas utilizadas mesmo no processo da educação escolar possuem o mesmo ponto de partida? A realidade educacional é homogênea a nível mundial?

## **2. Um exemplo paradigmático na educação contemporânea.**

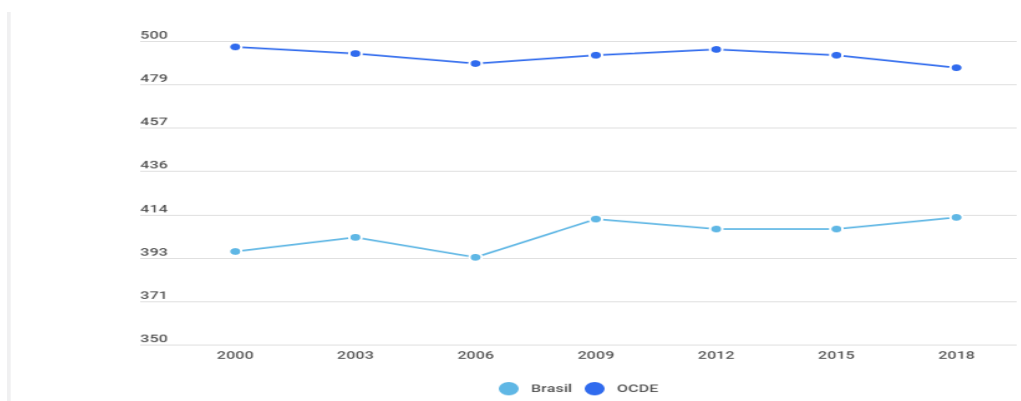
Existem instituições a nível internacional que realizam estudos que comprovam a heterogeneidade dos índices atingidos, novamente nos deparamos com o conceito de paradigmas, apresentarei brevemente o PISA.

O Programa internacional de avaliação de alunos (PISA), possui como objetivo motriz avaliar os níveis da educação de maneira global, para tanto, os estudantes são avaliados principalmente nas áreas: das ciências, da matemática e da leitura. Tanto da área privada como da área pública de ensino

De acordo com as premissas do PISA, o programa foi criado com o objetivo de verificar como cada nação está preparando seus estudantes para exercer corretamente seu papel de cidadão na sociedade contemporânea.

Com o auxílio do gráfico abaixo, percebemos os índices obtidos em um de seus mais recentes recenseamentos:

#### **Evolução média no PISA: Brasil versus OCDE**



Percebemos que os índices obtidos junto aos alunos brasileiros destoam de maneira significativa em relação aos índices obtidos junto aos alunos da OCDE, que pode ser entendida como: Organização para a cooperação e o desenvolvimento econômico, uma organização intergovenamental, composta de 38 países, fundada em 30 de setembro de 1961 com sede em Paris, na França.

Ao analisar as linhas do gráfico é notório o distanciamento progressivo dos índices obtidos, contudo ao analisar nas entrelinhas do gráfico percebemos muitas informações que estão subentendidas, como:

- As ciências, a matemática e a leitura brasileira possuem o mesmo embasamento para se solidificar na educação escolar e atingir números relevantes de avanço como os mesmos índices obtidos juntos aos países que compõem o OCDE?

- Analisando não apenas os índices obtidos, mas previamente, a estrutura que objetiva o programa. Ser cidadão no Brasil, possui a mesma significância e a mesma contextualização de ser cidadão no OCDE?

- As regras externas podem fidelizar um paradigma?

Com o auxílio das palavras de Kuhn (1991, p.69), os problemas e técnicas da pesquisa que surgem numa tradição não estão necessariamente submetidos a um conjunto de regras, encontramos talvez uma resposta única a todos os questionamentos previamente apresentados. Por conseguinte, inúmeros questionamentos poderão surgir ao analisar os índices obtidos, contudo o conceito que direciona esse estudo encontra nessa análise um reforço para sua concretização: se faz necessária a desconstrução dos paradigmas anteriores e sua reconstrução. A exemplo do proposto por Kuhn (1991), conforme citado na seção anterior. Para Kuhn, “o desenvolvimento da maioria das ciências têm-se caracterizado pela contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas”. (Kuhn, 1991, p.22). Essa reconstrução paradigmática, ou parafraseando Kuhn, o desenvolvimento científico, se fideliza com a proposta da educação decolonial, visto ser impossível uma padronização de paradigmas perante sociedades tão díspares.

### **3. A decolonialidade e a educação escolar**

O conceito de decolonialidade surge simbolizando a emancipação social, partindo inicialmente da dignidade e do respeito. Parafraseando Boaventura de Souza Santos percebemos que são notórias as diferenças entre forças de dominação colonial e resistência social. E essa lacuna entre forças antagônicas repercute diretamente na educação escolar.

Boaventura de Souza Santos caracteriza o conceito epistemologia, em entrevista oferecida no dia 16 de janeiro de 2012 ao Projeto Alice, o qual é coordenador, e nos brinda com a fala:

O conhecimento eurocêntrico foi construído para não valorizar outras experiências. A decolonialidade busca novas maneiras de fazer ciência através de outras ciências que podem ser conhecidas como ciências simbólicas. (SANTOS, Boaventura. Epistemologias do Sul. Entrevista concedida ao Projeto Alice.16/01/2012).

Ainda em referência aos estudos de Boaventura (2012), notamos a importância da tradução intercultural, para uma aproximação das realidades coloniais e decoloniais, realidades essas que possuem epistemologias distintas. Assim, percebemos duas vertentes da teoria educacional: A interna; epistemologia baseada nos valores do povo, seus princípios, ritos e mitos que produzem o universo cultural e que aqui será caracterizada por epistemologia decolonial. E a externa; epistemologia baseada em valores eurocêntricos, coloniais que também possuem seu universo cultural e aqui será caracterizada por epistemologia colonial.

Conhecemos a proposta da interculturalidade, que preconiza a valorização da multiplicidade cultural, seja ela fruto do colonialismo ou do decolonialismo. Contudo, a epistemologia colonial predomina, disseminando os interesses dos colonizadores de ontem, detentores do poder de hoje. Onde estarão, os valores decoloniais, suas raízes? Existem?

Certamente essas raízes estão dentro de cada sujeito latino americano, que luta por seu reconhecimento, por sua raça, por sua cultura, por suas matrizes ora africanas, ora indígenas, mas que possuem como característica singular a resistência. Talvez tenhamos nesse momento, conseguido estabelecer um adjetivo para ilustrar a epistemologia decolonial: resistência.

Estudos de Catherine Walsh (2009), sinalizam exemplos da interculturalidade aos moldes europeus, ou aproximando nosso estudo a este documento, a ideologização epistemológica colonial, junto à sociedade latino americana contemporânea.

A “Declaração Universal da UNESCO sobre a diversidade cultural” de 2005 é um exemplo claro deste interculturalismo europeu. Declarar a diversidade cultural como “patrimônio da humanidade, fonte de democracia política e fator de desenvolvimento econômico social”, e enfatizar a importância de que “os estados estabeleçam políticas culturais, promovam a colaboração entre o setor público, o setor privado e a sociedade civil” direcionado a um desenvolvimento humano sustentável como maneira de garantir a preservação e promoção da diversidade cultural, a Declaração da UNESCO defende a diversidade sem denunciar o mudar o capitalismo globalizado. (WALSH, 2009, pgs.5-6).

Ao analisar a citação acima, percebemos seu caráter ideológico, a diversidade cultural é preservada de fato? Os valores de culturais de todas as classes sociais são respeitados em sua íntegra? Sabemos que não, que o reconhecimento é fraturado, que o conhecimento não é semeado e sim imposto com o objetivo de estender e perpetuar a dominação colonial fruto de realidades muitas vezes, totalmente destoantes das realidades dos sujeitos da decolonialidade.

Essa realidade a nível global se estende de maneira progressiva e avassaladora e culmina moldes da dominação epistemológica colonial também dentro da educação escolar.

Buscamos a educação escolar que promova a subjetividade, que sinalize o caminho a ser construído, que valorize cada raiz que está dentro de cada sujeito, dentro de cada cultura, dentro de cada nação. Queremos a interculturalidade, parafraseando Virgílio Hernandez: A interculturalidade é simplesmente a possibilidade de uma vida, de um projeto [...] alternativo que questiona profundamente a lógica irracional instrumental do capitalismo que neste momento vemos.

Entendemos que essa valorização deverá partir exatamente da educação escolar que deverá desvencilhar-se de valores epistemológicos coloniais e utilizar como embasamento epistêmico a política, a sociedade e a ética. Essa mudança epistemológica, certamente é um processo cíclico, mas inevitável quando buscamos a educação decolonial.

#### **4. Provocações finais**

É possível perceber, que o conceito paradigmas proposto por Kuhn (1991), caminha em paralelo como conceito de epistemologia proposto por Santos (2010), ambos sinalizam modelos, parâmetros impostos racionalmente a sociedade, mas conceitos passíveis de reconfiguração, conceitos que podem receber a uma adequação, social, cultural e política e nesse caminho esses conceitos se reconfiguram, não perdendo sua valorização anterior mas partindo para novos vieses, conduzido por novas verdades.

Percebemos que tanto os paradigmas quanto as epistemologias evidenciadas em suma nos países da América Latina, possuem os interesses dos princípios coloniais e esses destoam radicalmente dos princípios decoloniais.

Na composição desse estudo foram utilizados exemplos para caracterizar a imposição paradigmática e epistêmica que ideologiza valores da colonialidade que hierarquizam e fragmentam os sujeitos latino americanos de sua realidade cultural, política e social.

Esse processo, coloca em evidência a exploração do trabalho, desqualificando os sujeitos e sua existência. Nesse caminho notamos a necessidade da readequação dos paradigmas, partindo de valores decolonial.

Nossa proposta se inicia na educação escolar, valorizando a racionalidade e subjetividade dos sujeitos latino-americanos, encontrando valores construídos historicamente, fruto da relação cronológica do homem com o mundo em que está inserido de fato. Desta forma buscamos desmistificar os paradigmas da desumanização perpetuados pela colonialidade.

Colocando a interculturalidade em evidência parafraseando Walsh (2019), o conhecimento científico deverá utilizar como uma de suas premissas a ancestralidade como o proposto pela constituição equatoriana. Por conseguinte, buscamos a construção de paradigmas e epistemologias que sejam oferecidas na educação escolar evidenciando os saberes, os seres respeitando a diversidade e a primazia da empatia em detrimento aos paradigmas e epistemologias etnocêntricos propostos até então. Concluímos valorizando a importância da resistência, mas sobretudo clamando pela mudança.

## **REFERÊNCIAS**

- BADIA, Denis D. Paradigmas, valores e educação. Educação e pesquisa, São Paulo, volume 47, setembro, 2009.
- KUHN, Thomas. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- HERNANDEZ, V. “(De)Construir a interculturalidade. Considerações críticas desde a política, a colonialidade e os movimentos indígenas e negros no Equador”, em Interculturalidade e Política, Norma Fuller (ed.). Lima: Rede de Apóio das Ciências Sociais, 2002, 139.
- REDAÇÃO LICEUM. O que é o pisa afinal. [liceum.com.br](https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/#O_que_e_o_Pisa_afinal), São Paulo, 26 de julho de 2019. acesso em 11/01/2022. Disponível em: < [https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/#O\\_que\\_e\\_o\\_Pisa\\_afinal](https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/#O_que_e_o_Pisa_afinal) >



- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

- SANTOS, Boaventura. Epistemologias do Sul. Entrevista concedida ao Projeto Alice.16/01/2012.

- WALSH, Catherine. Interculturalidade e (des) colonialidade. Perspectivas críticas e políticas. XII Congresso ARIC, Florianópolis, Brasil, 29 de junho de 2009.